

Susana Bornéo Funck
Universidade Federal de Santa Catarina

Gênero e(m) discurso(s)

Copyright © 2009 by Revista
Estudos Feministas.

Os estudos do discurso, nas suas mais variadas vertentes, ocupam hoje um lugar privilegiado na investigação científica, não só nas ciências da linguagem, mas também, e em âmbito cada vez maior, nas ciências sociais. Por sua natureza interdisciplinar, a Análise do Discurso – e aqui podem ser incluídas a AD de linha francesa, a Análise Crítica do Discurso, o Sociointeracionismo Discursivo, a Teoria da Enunciação, entre tantas outras – fornece importantes instrumentos de análise para as questões de gênero. Ao permitir que se investigue a linguagem em uso nas interações cotidianas, revela processos de formação, perpetuação ou mudança nas relações de poder entre indivíduos e grupos.

Convém lembrar, conforme argumenta Tomás Ibáñez García,¹ que

a linguagem não é um simples veículo para expressar nossas idéias, nem uma simples roupagem para vestir nosso pensamento quando o manifestamos publicamente. Ela é a própria condição de nosso pensamento e, para entender esse último, temos que nos concentrar nas características da linguagem em vez de contemplar o suposto mundo interior de nossas idéias. Nosso conhecimento do mundo não se radica nas idéias que dele fazemos; ele se abriga, sim, nos enunciados que a linguagem nos permite construir para representar o mundo.

¹ GARCIA, 2004, p. 33.

² FAIRCLOUGH, 2001, p. 91.

Para Norman Fairclough,² no entanto, é preciso considerar mais do que a função meramente representativa da linguagem. Apoiando-se em Michel Foucault, para quem o discurso tem uma grande força geradora, não apenas designando os objetos a que se refere, mas também os constituindo, Fairclough concebe o discurso não apenas

como a representação do mundo e das relações nele existentes, mas como uma prática de significação, “constituindo e construindo o mundo em significado”. Em linhas bastante gerais, portanto, podemos dizer que a linguagem, em suas várias manifestações, é uma prática social de representação e de significação, sendo o discurso um conjunto de práticas linguísticas que estabelecem, mantêm ou questionam estruturas sociais.

Nesse sentido, um aspecto que merece ser ressaltado, especialmente com relação ao gênero, é a questão de como o poder opera no discurso. Examinando como instituições ou grupos hegemônicos influenciam as cognições e os processos de subjetivação de outras pessoas ou outros grupos, Teun van Dijk³ reafirma que, “seja em sua forma direta ou em sua forma indireta, o poder é tanto exercido quanto reproduzido no e pelo discurso. Sem comunicação – escrita e fala –, o poder na sociedade não pode ser exercido ou legitimado”. São exatamente os processos ideológicos subjacentes à interação que os estudos do discurso buscam identificar.

³ VAN DIJK, 2008, p. 85.

Os artigos selecionados para compor esta seção se caracterizam por uma preocupação com relações de gênero assimétricas estabelecidas por uma ampla gama de discursos e analisadas a partir de posições teóricas diferentes mas complementares.

Baseando-se no conceito de cronotopo, de Mikhail Bakhtin, Pedro Paulo Gomes Pereira examina, em “Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais”, o modo pelo qual o discurso da mídia impressa sobre violência nas páginas policiais acaba por se constituir ele mesmo em uma nova forma de violência ao articular o feminino de modo passivo e genérico, sem as especificidades de tempo e espaço atribuídas, por exemplo, a homens de classes sociais elevadas.

Em “Bruxas e índias filhas de Saturno: arte, bruxaria e canibalismo”, Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona e Susana Inés González Sawczuk abordam as ideologias manifestas no discurso visual, investigando como a iconografia dos séculos XVI e XVII, especialmente as pinturas e gravuras da Renascença alemã, representava – ou construía – as índias do Novo Mundo. Associadas às bruxas da Europa e ao deus clássico Saturno, essas mulheres carregavam em seus corpos índices de uma voracidade maléfica e de um desregramento demoníaco que as caracterizavam como verdadeiras inimigas do processo civilizatório.

A representação/construção é também o foco de Ana Amélia Brasileiro Medeiros Silva em “Embates representacio-

nais em busca de uma personagem: Maria Lacerda de Moura no tráfico de luzes e sons”. Tendo como objetivo analisar a transposição de uma biografia, no caso o livro de Miriam Moreira Leite *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, para a linguagem audiovisual do documentário *Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde*, o artigo examina os conflitos discursivos gerados pelos olhares diferenciados das várias linguagens envolvidas – a do relato histórico, a do texto biográfico, a das imagens fixas e em movimento –, enfim, pelas múltiplas possibilidades de representação.

Tendo o texto literário como pré-texto e a teoria *queer* como instrumento de análise, Richard Miskolci aborda a heteronormatividade e a homofobia que passam a informar as relações de gênero no final do século XIX no Brasil. Seu artigo, “O vértice do triângulo: *Dom Casmurro* e as relações de gênero e sexualidade no *fin-de-siècle* brasileiro”, apresenta uma análise sociológica do triângulo amoroso no romance de Machado de Assis, argumentando que a base das interações entre os personagens está na relação Bento-Escobar.

Lisandra Espíndula Moreira e Henrique Caetano Nardi, partindo das teorizações de Michel Foucault, em especial da perspectiva genealógica, analisam relatos de vida de mulheres que são mães e trabalhadoras, buscando identificar discursos que se opõem a verdades naturalizadas pelo senso comum, como a do enunciado “mãe é tudo igual”. Além de verificar as ideias preconcebidas que circulam nos relatos pessoais, apontam para o poder que se aloja nos discursos institucionais, sejam eles médicos, demográficos, econômicos, feministas ou referentes a políticas públicas, como no caso das tensões entre políticas de controle ou de pró-natalidade.

Fechando essa seção temática e seguindo também uma abordagem foucaultiana, o artigo “Discurso e ‘verdade’: a produção das relações entre mulheres, homens e matemática”, de Maria Celeste Reis Fernandes de Souza e Maria da Conceição Ferreira Fonseca, investiga as relações de gênero nas práticas de numeramento de estudantes da Educação de Jovens e Adultos. A partir do enunciado “Homem é melhor em matemática do que mulher” e com base em conceitos da *etnomatemática* e nas *práticas de numeramento*, o texto examina as falas de homens e mulheres, identificando a racionalidade de matriz cartesiana como uma fantasia de masculinidade, que leva à produção de relações desiguais entre homens e mulheres. Num questionamento da validade desse conceito de razão que ainda vigora nos discursos sobre a matemática, as autoras perguntam: em que matemática eles são melhores?

Ao agrupar nessa seção artigos sobre tópicos tão diversos e com abordagens diferenciadas, espera-se ter contribuído para um melhor entendimento de como análises de práticas discursivas, ao desvendar estruturas de poder, podem contribuir para o projeto político dos estudos feministas e de gênero.

Referências bibliográficas

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- GARCIA, Tomás Ibáñez. "O 'giro linguístico'". In: IÑIGUEZ, Lupicínio (Org.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p.19-49.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.